

Roraima 2.II - CEDI
Projeto de "Educação Global" entre os Yanomami do Catrimãni,
como consequência das mudanças externas.
(Missão Catrimãni da Diocese de Roraima)

Loretta Emiri, 26/2/1984

A Missão Catrimãni da Diocese de Roraima foi fundada pelos padres Giovanni Calle-
ri e Bindo Meldolesi em 26/11/1965.
Ela alcança 10 grupos locais yãnomamè, localizados na área do baixo e médio curso
do rio Catrimãni, com uma população de cerca de 400 indivíduos.
Cheguei pela primeira vez na Missão em novembro de 1977.
Em março de 1978 me estabeleci lá como missionaria leiga, membro da equipe de tra-
balho.
Depois de vários meses de observação e de atento estudo da situação, comecei a
questionar a equipe quanto à validade do método de trabalho aplicado até aí.
A meu ver, êle não respondia às novas situações e às mudanças que o contato esta-
va impondo.
Uma vez levantado o problema a equipe assumiu o questionamento e, comunitáriamen-
te e criticamente, passamos a analisar a situação, antes de planejar mudanças e
soluções.

I. LEITURA DA REALIDADE
=====

1) BR 210, Perimetral Norte.

Em 1974 a estrada cortou o sul do território yanomami.
O contato com os trabalhadores da estrada trouxe as primeiras epidemias de gripe
e sarampo, que causaram a morte de inúmeros indígenas na região do igarapé Repar-
timento e rios Ajarani e Pacu. Aldeias inteiras desapareceram.
Nos 38 meses anteriores à chegada dos trabalhadores da estrada, os missionários
do Catrimãni efetuaram 4.596 atendimentos a doentes; nos 38 meses subsequêntes,
o número de atendimentos elevou-se a 18.488.
Em março de 1977 o segundo surto de sarampo desde a chegada da estrada matou ses-
senta e oito pessoas, quer dizer a metade da população dos grupos locais Manihi-
pitheri, Uxiutheri e Iropitheri.

2) Contatos que a estrada possibilita.

O grupo local Opikètheri tinha sido atraído pela FUNAI no Posto Indígena "Km. 211", fora da área tradicional d'êles.

Estava verificando-se o fenômeno que grupinhos de homens de todos os grupos faziam visitas sempre mais frequentes aos Postos Indígenas "Km. 211" e "Ajarani I", às fazendas e às duas serrarias situadas na beira da estrada, e até à cidade de Caracaráí.

Iam à procura das novidades e dos bens materiais da sociedade envolvente.

Umaz vezes foram uns grupos inteiros, com mulheres e crianças.

O resultado era que sempre voltavam explorados; com doenças da pele causadas por indumentos usados, contaminados, que tinham ganho; com gripe que rapidamente alastrava-se à população inteira.

3) Colonização.

Em 1977 o Distrito Agro-pecuário de Roraima incluiu em seu projeto de colonização áreas tradicionalmente ocupadas pelos Yanomami.

4) Mineração.

Em 1975, após a publicação das pesquisas geológicas do Projeto RADAMBRAZIL, com o apoio do governo local e nacional desencadeou-se no território yanomami a corrida à mineração por parte de garimpeiros e grandes companhias de mineração e pesquisa.

5) Expoliação dos bens naturais.

Os "Yawari", que moravam no alto rio Pacu, foram dizimados a causa do contato com aventureiros que andaram pela região.

O grupo local Hawarihipitheri foi dizimado por várias epidemias no contato com marreteiros, mariscadores, balateiros, aventureiros que se infiltraram no baixo rio Catrimâni.

Entre êles houve também casos de tuberculose.

Foram atraídos por um indígena tikuna que convive com uma mulher yãnomamê e que, acerca de 14 anos, serve de intermediário entre êles e aventureiros e extrativistas.

Estavam sendo utilizados para extração de sorva, seringa, castanha do Pará e remunerados com cachaça, roupas velhas e algumas espingardas.

6) Fontes econômicas.

A principal ocupação que a Missão estava oferecendo era capinar.

Grupos inteiros se deslocavam na Missão, mas individualmente pediam de trabalhar e individualmente faziam compras com aquilo que tinha ganho.

Parando até meses na Missão descuidavam de roça, caça e pesca.

A proximidade da Missão à estrada significava que sempre vinham atingidos por doenças.

7) Situação da terra.

A iminência da ocupação econômica da região determinou a elaboração de propostas e declarações de delimitação, que visam proteger o direito à posse e à ocupação de suas terras por parte dos indígenas.

No período de 1968/1978 onze entre propostas e declarações foram apresentadas, umas das quais por parte dos missionários do Catrimani ou da Diocese de Roraima, sem que o problema tivesse sido resolvido.

8) Integração.

Forças locais e nacionais manifestavam a vontade política de "suprimir culturalmente" os indígenas, tentando integrá-los o mais rapidamente possível.

Estas situações pesavam desigualmente sobre os grupos locais, mas a pressão estava sendo sempre mais forte e violenta sobre todos eles.

A "Ilha" não existia mais: o branco tinha jogado uma ponte entre a "ilha yanomami" e o "continente branco".

Pareceu-nos que a única maneira de ajudar os indígenas era de colocá-los frente à realidade e capacitá-los a ler criticamente esta realidade.

Chegamos à conclusão que uma das coisas mais urgentes a fazer era a conscientização dos indígenas.

Começamos então a bolar um "Plano de Conscientização" que fosse sistemático e que abrangesse todas as atividades desenvolvidas pela Missão.

Estas atividades deviam constituir o "processo de educação global".

Não devia ter contraposição entre os diferentes setores, mas um devia complementar o outro e todos deviam procurar de alcançar os mesmos objetivos.

Elaborando e desenvolvendo o "Plano de Conscientização", nos esforçamos de não cair no paternalismo, no assistencialismo, no proselitismo e no elitismo, para não limitar ou deformar com estas corrupções a educação do povo.

II. EDUCAÇÃO GLOBAL

(ou "Plano de Conscientização")

1) Alfabetização de adultos.

Seja porque quisemos experimentar método e material antes de envolver um grupo maior de pessoas, seja porque a escola formal não é ainda uma exigência sentida pelos yanomamè, só um jovem homem chegou a ser alfabetizado na sua língua.

No fim da primeira etapa da experiência, nos questionamos quanto à validade da alfabetização como meio de conscientização, chegando à conclusão que experiências diretamente relacionadas com o contato e o uso da transmissão oral dos conhecimentos, que é tradicional da cultura yanomami, são muito mais incisivos e rápidos numa situação de contato tão irreversível.

As recomendações feitas pelos participantes do 1º Encontro de Educação Indígena, organizado pela UPAN de 11 até 17 de fevereiro de 1982, do qual participei, foram: "Guardar a experiência e o material elaborado até que a escola seja formalizada a partir de uma exigência surgida entre os indígenas.

Incentivar as outras formas de conscientização (por exemplo: comunicação na língua, politicização), dando menos ênfase à alfabetização; porém sem abandonar o projeto, pois a experiência é muito válida sendo uma base indispensável de onde partir quando a escola será formalizada".

2) Terra.

Em 1979 o colega Carlo Zacchini colaborou com uma equipe de antropólogos e juristas na elaboração de "Parque Indígena Yanomami - Proposta de Criação e Justificativas", que visa garantir juridicamente e de forma contínua o território yanomami.

Conseqüentemente participamos da campanha internacional de sensibilização em favor da criação do Parque, envolvendo amigos, parentes, benfeitores e uns membros da congregação "Missões Consolata".

Mais de um milhão de italianos se expressaram em favor da criação do Parque, mandando cartas ao Presidente Figueiredo.

Em 1983 foi pedido aos grupos de apoio na Itália de mandar petições também ao Presidente da República Italiana para suscitar uma tomada de posição por sua parte frente às autoridades brasileiras.

O Ministério do Exterior italiano chegou a pedir explicações à Embaixada brasileira. Ainda hoje a movimentação é em andamento.

O problema da terra foi, sem dúvida, aquele que mais debatemos com os indígenas: informamos, discutimos, mostramos fotos, artigos, cartas, assim que sempre o acompanharam muito por perto.

3) Atendimento sanitário.

Tentamos de passar de uma medicina assistencialista àquela preventiva.

Planejamos um plano capilar de vacinação da população.

Compramos uma geladeira nova para poder guardar as vacinas.

Programamos mais viagens rio acima para melhorar o atendimento aos grupos mais afastados e para vaciná-los.

Aproveitamos de qualquer visita dos indígenas na Missão para vacinar e das nossas visitas à cidade para providenciar vacinas.

Convidamos equipes médicas da FUNAI para aplicar BCG.

Vacinamos com vacinas Sarampo, BCG, Sabin, Febre Amarela, Triplice.

Em um tempo relativamente breve as porcentagens das vacinações mudaram substancialmente (ver registros, fichas individuais de saúde, quadros das vacinações, no Arquivo da Missão).

Limitamos o uso dos remédios conscientizando os indígenas quanto à dependência e às modificações que o uso maciço e indiscriminado dos remédios impõe.

Através de exames ao microscópio para classificar parassitas intestinais ou o tipo da malária, fizemos curas específicas.

Foi dada muita ênfase à cura da verminose.

O uso do microscópio nos permitiu de descobrir que sintômas antes curados como "diarréia", "cólicas intestinais", "dor de fígado", "feridas", "coceira", na realidade eram conseqüências da verminose. Curando a verminose todos êles desapareceram.

Uns sintômas particulares apareceram só depois do contato com os brancos, o que nos levou a pensar que uns tipos de parassitas foram introduzidos pelo contato.

Sistematicamente sublinhávamos que sarampo, gripe e doenças da pele estavam relacionadas com os contatos que algum indígena tinha tido com os brancos.

Pagando todos, toda vez, na própria pele as conseqüências destes contatos, a corrida rumo à estrada parou bastante.

Aplicando as próprias concepções filosóficas ao fenômeno, os indígenas começaram a dizer que "o branco espalha fumaça para fazer-nos adoecer".

Trabalhamos em colaboração com os xamãs, que muitas vezes nos chamavam, o que nós chamávamos.

4) Yanomami como povo, como étnia.

Conjuntos de grupos locais são tradicionalmente inimigos entre eles e vivem numa situação de conflitos.

A única maneira dos Yanomami enfrentar o impacto sem desaparecer culturalmente e fisicamente é de enfrentá-lo unidos, como povo, como étnia.

A cultura yanomami poderá criar seu controle, suas defesas e suas respostas ao impacto mesmo.

Tendo em conta a necessidade e urgência deste processo de auto-afirmação étnica, mantivemos contatos pessoais com os grupos locais e conjuntos de grupos locais; possibilitamos e encorajamos visitas entre grupos; veiculamos notícias e informações; enfatizamos a importância da união entre eles.

5) Tecnologias intermediárias.

Para que não dependessem dos brancos para a compra de uns objetos, para valorizar as capacidades e a criatividade dos indígenas, e para valorizar os recursos do mato, foram introduzidas tecnologias intermediárias.

O grupo local Wakathautheri estava precisando de um barco.

No dia 30/5/1980 chegaram na Missão dois indígenas yekuana, convidados para ensinar aos yãnomamê a fazer ubás.

Sendo que os indígenas estavam indo a caçar em lugares alcançados pela estrada, a experiência visava também afastá-los da estrada.

Em colaboração com uns Wakathautheri, Opikètheri e Hewenahipitheri, em um clima de amizade e entusiasmo, os dois yekuana realizaram duas ubás.

As mulheres yãnomamê estavam usando latas velhas, furadas, para ralar a mandioca. Estavam sendo muito procuradas as redes dos brancos que, tendo o punho, são confortáveis.

Em março de 1981 convidamos na Missão um casal yekuana.

A mulher ensinou a fazer ralos fincando pedacinhos de osso numa prancha de cedro e fixando-os com sorva.

Ensinou também a fazer punhos nas redes yãnomamê.

O marido aperfeiçoou com uns homens a técnica de fazer ubás.

6) Econômia.

Estudamos quais podiam ser as fontes alternativas de lucro para os indígenas.

Obter uma certa independência econômica significa:

- não virar necessariamente mão de obra explorada pelos brancos;
- não depender economicamente dos brancos;
- desenvolver um próprio sistema econômico que, quanto mais é sólido e experimentado, tanto mais pode defrontar o modelo econômico da sociedade envolvente.

Resolvemos de incentivar o extrativismo e valorizar o artesanato.

a) Extrativismo.

A primeira experiência foi feita com o grupo local Opikètheri, que tinha deixado maciçamente naqueles dias o Posto Indígena "Km. 211" e estava vivendo uma fase muito crítica na busca da própria identidade, dilacerados entre o mundo yanomami e o mundo dos brancos.

Em um depoimento recolhido em setembro de 1979 pelo colega Carlo Zacchini e pelo estudante de antropologia Bruce Albert, Xiyã Opikètheri assim sintetizou as causas que levaram o grupo a abandonar o Posto Indígena: "Nos mandavam caçar e aproveitavam das nossas mulheres; fecharam uma das nossas mulheres em um quarto por vários dias; nós trabalhávamos muito mas não tinha relação entre o tempo que a gente trabalhava e aquilo que ganhava; bateram com terçado em Raru e fizeram um corte no pé dêle; fecharam nossa mercadoria dentro de um quarto; nós sempre estávamos com medo porque aquela região não é a nossa: naquela região têm os nossos inimigos."

Propomos para êles de ir, comunitariamente, a recolher castanhas do Pará.

As vendemos em Boa Vista.

Tiramos só as despesas reais que enfrentamos para levar as castanhas até a cidade. Compramos a mercadoria que tinham pedido e da qual estavam precisando e foram êles a dividí-la entre si, tendo em conta quem tinha trabalhado mais e as necessidades de cada um.

Assim, aplicada à realidade presente e contingente, veio-se desenvolvendo em nós e nos indígenas uma nova perspectiva de trabalho e lucro: as cooperativas.

Em seguida propomos o extrativismo cooperativístico ao grupo local Hawarihipitetheri, explorado pelos aventureiros e extrativistas brancos, para oferecer-lhe uma alternativa.

Êles vinham muito esporadicamente na Missão, mas, uma vez iniciado este novo relacionamento, fizeram visitas sempre mais frequentes, assim que nós conseguimos levar para frente a vacinação e conscientização do grupo e dar-lhe um melhor atendimento sanitário.

Os produtos comercializados foram: sorva, óleo de copaiba, castanha do Pará, cipó e cumaru.

Estimulávamos os indígenas a fazer comunitariamente estas coletas para favorecer união e colaboração e evitar o individualismo.

A experiência despertou a criatividade dos indígenas que passaram a inventar novas formas de comércio.

Uma vez comercializados estes produtos, os indígenas começaram a perceber o valor da terra e a importância de defendê-la; aliás este foi o fruto mais interessante e inesperado que a experiência nos doou.

b) Artesanato.

Valorizando o artesanato, quer dizer pagando-o com equanimidade, conseguimos também conter as visitas dos grupos de cima, que são os mais afastados, à Missão e à estrada.

Não precisando mais de vir todos a capinar na Missão, estavam vindo só os homens, que trocavam artesanato para mercadoria e iam embora logo, às vezes sem nem pernoitar, por medo de ser atingidos pelas epidemias de gripe e sarampo e depois espalhá-las.

Pagando bem o artesanato, alertamos os indígenas contra a exploração perpetrada por outros brancos com os quais contatavam seus manufatos.

7) Projeções de slides.

Produzimos, procuramos e projetamos slides que apresentam outros grupos indígenas e as situações por eles vividas, para fornecer aos yãnomamê conhecimento de uma realidade mais ampla.

Sublinhávamos especialmente a situação das terras, que atinge todos os povos indígenas no Brasil.

Em relação a este tema, por exemplo, ficaram muito impressionados com a experiência dos Kayapó.

Projetávamos slides quando tinha uma boa concentração de indígenas na maloca Wakathautheri, vindos para participar de festas e rituais.

As projeções tiveram um grande sucesso entre os indígenas chegando eles mesmos a solicitá-las.

Os indivíduos que participaram destas experiências se encarregaram naturalmente e espontaneamente de transmitir-las aos grupos afastados, não atingidos diretamente.

A Missão funcionou como base de irradiação de experiências e ideias, que atingiram grupos afastados, muito além da área de alcance geográfico da Missão.

No dia 5 de fevereiro de 1981 chegou na Missão uma equipe do Projeto Rondon para realizar um recenseamento.

Um grupinho de Wakathautheri, que não tinha entendido muito bem a finalidade daquela visita, recebeu a equipe de arcos, flechas e bordunas, gritando mais ou menos assim: "Cuidado com aquilo que estão fazendo: aqui a terra é nossa".

Quando a notícia se espalhou em Boa Vista, o pessoal estranhou: não queria acreditar naquilo que tinha acontecido.

Alguém comentou: "Os yanomami fizeram isso? Os ingenuos yanomami fizeram isso?". Foi a maior apreciação ao nosso trabalho.

(Loretta Emiri)

Loretta Emiri